

Onda de calor faz brasileiro comprar ventiladores e tomar mais sorvete. Meteorologista prevê que choverá hoje

Jefferson Rudy



Uma loja de eletrodomésticos do Conjunto Nacional vendeu 30 ventiladores somente na manhã de segunda-feira. Em alguns lugares, o estoque desse tipo de equipamento já se esgotou por causa da alta demanda

CALOR AQUECE VENDAS

Rosana Tonetti
Da equipe do **Correio**

Ele produz um zunido inconfundível. À noite, perturba o sono. Mas ninguém pode confiscar o seu mérito: é um santo remédior para aliviar o calor. O ventilador — sobretudo pelo preço acessível — fincou o pé, neste início de janeiro, como o artigo mais procurado para espantar os ares quentes provocados pelo fenômeno climático El Niño (aquecimento das águas do Pacífico Equatorial).

Só na período da manhã de ontem, a loja Arapuã, do Conjunto Nacional, vendeu 30 unidades de ventiladores e circuladores de ar. “Tem dia que, mesmo com o calor, a gente não consegue vender mais do que

uma peça”, contou Simone Rodrigues, responsável pela vendas de ventiladores da Arapuã.

A noite do último domingo foi infernal para a família da funcionária pública Conceição Oliveira. “Ninguém conseguia dormir com o calor”, recorda Conceição. Na segunda-feira, ela e a filha, Iris Célis, acordaram decididas. Saíram do Gama e foram até o Conjunto Nacional. Compraram três ventiladores e transportaram os aparelhos nas costas, sob do sol do meio-dia, até a parada de ônibus.

Com a mãe hospitalizada, a empregada doméstica Eli Pereira Xavier decidiu recorrer às economias e comprar, por R\$ 42, um ventilador para instalar em um quarto do Hospital Regional da Asa Norte (Hran).

“Ela está doente e não aguenta mais estes dias quentes”, explicou Eli.

Custando quase dez vezes mais, os aparelhos de ar condicionado também estão ocupando lugar de destaque nas vendas das lojas de eletrodomésticos. “Temos apenas uma unidade no estabelecimento, e já foi vendida. Do dia 20 para cá, vendemos 13 equipamentos. É muito mais do que saiu no mesmo período do ano passado”, garante o vendedor do setor de ar condicionado da Arapuã, Otoni Oliveira Pereira.

O calor tem mudado até mesmo alguns hábitos. É o caso do sorvete, que, na maior parte das vezes, é saboreado no período da tarde. “Estamos vendendo sorvete até pela manhã. Uma raridade”, admitiu, feliz,

a balconista do quiosque Ice Shop, do Conjunto Nacional, Ivanildes da Costa Vieira.

EA CHUVA?

Os distribuidores de água mineral também não têm do que se queixar. De acordo com o gerente de vendas da São José Distribuidora de Água Indaiá, Damião Corsino Ramalho, o volume de vendas em relação ao mesmo período do ano passado cresceu 15%. “Isso porque muita gente está viajando. Imagine se estivesse todo mundo na cidade?”, comentava Damião.

Apesar do sol escaldante, teve muita gente que não se intimidou com os efeitos ardentes do astro rei. O vendedor Miro Batista desafiou o calor correndo 45 quilômetros de

bicicleta no Parque da Cidade, entre 11h e 12h30. “Eu uso camiseta, não dispense o protetor solar e bebo bastante líquido”, informou o ciclista. “Eu apenas diminuí um pouco a atividade. Às vezes, ando até 80 quilômetros”, completou.

Mas será que, depois desta onda de quentura, vai chover? O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) prevê que São Pedro abrirá um pouco as torneiras hoje, mandando chuva no final do dia. Uma promessa que, apesar de ser anunciada desde sexta-feira pelo Inmet, a natureza ainda não conseguiu cumprir. “Ocorreram chuvas isoladas em alguns pontos, como em Sobradinho”, justificou o chefe do Centro de Previsão do Tempo do Inmet, Francisco Assis Diniz.

Segundo previsão do Inmet, as chuvas, que ocorrerão durante toda semana, serão acompanhadas de temporais e vendavais. Em consequência do intenso calor dos últimos dias, é possível também que caia granizo. A temperatura máxima prevista para hoje é de 29 graus, e a mínima, de 19. Ontem, a máxima foi de 31,2. A mínima, de 20,2.

Nos últimos dez dias, a temperatura subiu quatro graus acima da média prevista para esta época do ano — que é de 26 graus —, permanecendo entre 30 e 31 graus. O dia mais quente de janeiro, de acordo com o Inmet, ocorreu em 1969. Naquele ano, precisamente no dia 10, os termômetros bateram nos 32,6 graus. Muito próximo ao calorão destes primeiros dias de janeiro de 1998.

CUIDADOS COM O SOL

■ Evite o sol entre 10h e 16h (horário de verão: 11h e 17h)

■ Mesmo antes deste horário, não dispense o uso do filtro solar. Em caso de queimaduras causadas por exposição ao sol, use compressas de chá de camomila gelado (sem açúcar) nas áreas do corpo afetadas. Se os sintomas não desaparecerem, procure um médico

■ Crianças e idosos, por terem o controle de temperatura muito frágil, necessitam de cuidados redobrados

■ Use roupas leves. Evite roupas sintéticas. Dê preferência aos tecidos de algodão. Eles absorvem melhor o suor e evitam as que na áreas onde há dobras de pele ocorram assaduras e micoses

■ Beba bastante líquido várias vezes ao dia, principalmente água de coco. Ela tem maior capacidade de hidratação porque possui alta concentração de sais e microelementos

■ A alimentação deve ser de fácil digestão. Abuse de frutas e saladas. Evite comidas gordurosas. É preferível fazer várias refeições leves durante o dia do que uma pesada

■ O ar condicionado resseca o ambiente. Por isto, quem estiver em lugares onde o aparelho permanece ligado deve ingerir muito líquido para hidratar a pele. E atenção: à noite evite o uso prolongado do equipamento, principalmente se houver idosos ou crianças porque eles se tornam mais vulneráveis ao frio durante o sono, o que pode acarretar um comprometimento das vias aéreas

■ Tome muitos banhos frios durante o dia

■ Caso ocorra hipertermia (náusea, mal-estar), que podem levar à tontura e ao desmaio, tome banhos de imersão frio

Fonte de consulta: Francisco Leite (dermatologista)

Veranico ameaça 40% da safra de grãos

Eles passaram os últimos dois meses com as mãos na terra. Plantaram e prepararam-se para a estação das águas. Mas o tradicional “dilúvio” de verão ainda não chegou. Desesperados, os 12 mil agricultores do Distrito Federal estão com as mãos voltadas para o céu, pedindo chuva. O veranico já provocou perdas de até 10% em algumas colheitas, especialmente o feijão, segundo os técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). Na maior parte da região rural, não chove há pelo menos 15 dias.

“A situação está caótica”, define Vilson Thomas, dono de plantações de feijão, milho e soja no Núcleo Rural de Tabatinga, em Planaltina. “O feijão está na flor. É o coração da colheita. E se o coração começa a enfraquecer, o que acontece?”, indaga. “Se não chover nos próximos sete dias, vamos ter uma perda de 40% em tudo. É um pre-

juízo irreparável”, avalia Vilson.

A estiagem pegou os produtores de surpresa. Mas já tem um culpado: o El Niño. “É anormal. Nunca aconteceu isso. Final do ano sempre é de baixo de chuva. A seca poderia começar depois de 20 de janeiro. Mas, começando agora, preocupa muito”, diz Vanderlei Inácio Zamberlan, que cultiva 50 hectares de feijão no Núcleo Rural Rio Preto, também na região de Planaltina.

A colheita de feijão no Distrito Federal é pequena se comparada à média nacional, mas serve para abastecer o mercado interno nos meses de fevereiro e março, quando termina a oferta do produto que vem do Paraná. A escassez pode ser agravada pelos estragos que o El Niño provocou em outros estados. “Em Irecê, na Bahia, está mais seco que aqui. O Paraná perdeu muito por causa da chuva. E o feijão não dá para estocar, porque

a dona-de-casa não aceita”, diz Vanderlei.

QUEBRA DA SAFRA

Segundo Wilmar Luís da Silva, engenheiro agrônomo e técnico da Emater, a estimativa de colheita para a safra de feijão 97/98, a partir de fevereiro, era de 280 mil sacas. “Hoje, já perdeu 10%, com um prejuízo de R\$ 840 mil. Se permanecer por mais dez dias sem chuva, vai para 30% de perda, ou R\$ 2,5 milhões”, estima.

Técnicos da Emater fazem o acompanhamento dos boletins com as previsões do tempo. Segundo Wilmar, entre 1973 e 1994, a média de chuvas foi de 185 milímetros em novembro, 238 milímetros em dezembro e 283 milímetros em janeiro. Em 1997, choveu 112 milímetros em novembro e 147 milímetros em dezembro. E este mês, zero.

A quebra da safra poderá obrigar

muito produtor a vender o que tem. “A maioria das lavouras foi plantada com recursos próprios”, diz Wilmar. A situação também não é boa para quem tem financiamento. Para se prevenir, João Cláudio Bonato, produtor de feijão e soja há 15 anos, pediu ontem à Emater uma vistoria para apresentar ao Banco do Brasil, de onde pegou R\$ 9 mil emprestado. “Se a seca prolongar, não vou ter condições de pagar.”

Não é só o calor que esquentou a cabeça dos produtores rurais. A seca aumenta a incidência de pragas na lavoura, principalmente o ácaro e a mosca branca. Nesse caso, o produtor deve procurar um dos 15 postos da Emater e pedir uma visita técnica. A consultoria é gratuita para os pequenos produtores.

Serviço

EMATER — 340-3001/3075